

MULHERES DA AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO NO TERRITÓRIO BAIXO SUL DA BAHIA¹

Adriana Vilas-Bôas Borges²
Lilian Reichert Coelho³
Carlos Henrique Leite Borges⁴

RESUMO

Este artigo traz reflexões acerca dos sentidos e significados que as mulheres rurais ligadas as atividades da agricultura familiar e economia solidária no Território Baixo Sul da Bahia, atribuem ao seu trabalho. O estudo baseou-se na metodologia das histórias de vida das participantes da pesquisa, além de procedimentos técnicos na aplicação de grupos focais no campo de pesquisa e desenvolveu-se na Cooperativa de Mulheres da Agricultura Familiar e Economia Solidária, composta por aproximadamente 102 mulheres distribuídas em 32 comunidades rurais e 04 comunidades urbanas. Os resultados do estudo, através dos relatos trazidos nas histórias de vida das mulheres apontam para o sentimento de transformação pela via do trabalho e da economia solidária, de reconhecer-se por meio do seu trabalho, do orgulho de ser a mulher que se tornou, de terem seus nomes consagrados através da cooperativa não se restringindo apenas à importância e valoração econômica, mas, sobretudo, na identificação das características de ações transformadoras, dando sentido e ajudando na construção de identidades individuais e sociais e onde foram capazes de descobrir suas potencialidades, limitações, habilidades, criatividade e imaginação, considerando as relações e afetos que desenvolveram nos espaços e ambientes de suas atividades produtivas, tomando dessa forma, consciência de suas capacidades transformadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Agricultura Familiar; Economia Solidária; Significados do Trabalho.

WOMEN IN FAMILY FARMING AND SOLIDARITY ECONOMY: THE MEANINGS AND MEANINGS OF WORK IN THE TERRITORY SOUTHERN LOWLANDS OF BAHIA

¹ Este artigo é parte de um estudo maior, fruto da pesquisa de doutorado intitulada: Mulheres e Economia Solidária: ressignificação de papéis e trajetórias no Baixo Sul da Bahia, defendida no ano de 2023 no Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. Os resultados desse estudo deram origem a um documentário “Jóias do Baixo Sul”, realizado com as mulheres participantes da pesquisa, de criação e direção da autora da pesquisa

² Doutora em Estado e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (UFSB); Professora Auxiliar do Curso de Bacharelado em Administração do Departamento de Ciências Sociais e Tecnologias – DCHT-XXI da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. adrianaborges@uneb.br

³ Doutorado em Letras (UFBA); Professora do curso Bacharelado em Mídia e Tecnologia do Centro de Formação em Políticas Públicas e Tecnologias Sociais (UFSB). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB e colaboradora do PPG em Estado e Sociedade da UFSB. lilian.reichert@cpf.ufsb.edu.br

⁴ Doutor em Estado e Sociedade. Docente no Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). chlborges@uesc.br

ABSTRACT

This article brings reflections on the meanings and meanings that rural women linked to family farming and solidarity economy activities in the Territory Southern Lowlands of Bahia attribute to their work. The study was based on the methodology of the life stories of the research participants, in addition to technical procedures in the application of focus groups in the research field and was developed in the Women's Cooperative of Family Agriculture and Solidarity Economy, composed of approximately 102 women distributed in 32 rural communities and 04 urban communities. The results of the study, through the reports brought in the women's life stories, point to the feeling of transformation through work and the solidarity economy, of recognizing themselves through their work, of pride in being the woman they have become, of having their names consecrated through the cooperative, not restricted only to importance and economic valuation, but, above all, in identifying the characteristics of transformative actions, giving meaning and helping in the construction of individual and social identities and where they were able to discover their potential, limitations, skills, creativity and imagination, considering the relationships and affections they developed in the spaces and environments of their productive activities, thus becoming aware of their transformative capabilities.

KEYWORDS: Women; Family farming; Solidarity economy; Meanings of Work.

**MUJERES DE LA AGRICULTURA FAMILIAR Y ECONOMÍA
SOLIDARIA: LOS SENTIDOS Y SIGNIFICADOS DEL TRABAJO EN
EL TERRITORIO BAIXO SUL DE BAHIA****RESUMEN**

Este artículo presenta reflexiones acerca de los sentidos y significados que las mujeres rurales vinculadas a las actividades de la agricultura familiar y la economía solidaria en el Territorio Baixo Sul de Bahia atribuyen a su trabajo. El estudio se basó en la metodología de las historias de vida de las participantes de la investigación, además de procedimientos técnicos en la aplicación de grupos focales en el campo de estudio, y se desarrolló en la Cooperativa de Mujeres de la Agricultura Familiar y Economía Solidaria, compuesta por aproximadamente 102 mujeres distribuidas en 32 comunidades rurales y 4 comunidades urbanas.

Los resultados del estudio, a partir de los relatos recogidos en las historias de vida de las mujeres, apuntan al sentimiento de transformación a través del trabajo y de la economía solidaria; al reconocerse por medio de su trabajo; al orgullo de ser la mujer en la que se han convertido; y al hecho de que sus nombres sean reconocidos a través de la cooperativa, no limitándose únicamente a la importancia y valoración económica, sino, sobre todo, a la identificación de características de acciones transformadoras que otorgan sentido y contribuyen a la construcción de identidades individuales y sociales. Asimismo, se evidenció que fueron capaces de descubrir sus potencialidades, limitaciones, habilidades, creatividad e imaginación, considerando las relaciones y afectos que desarrollaron en los espacios y ambientes de sus actividades productivas, tomando así conciencia de sus capacidades transformadoras.

PALABRAS CLAVE: Mujeres; Agricultura Familiar; Economía Solidaria; Significados del Trabajo.

INTRODUÇÃO

O trabalho na sociedade capitalista, embora frequentemente reduzido à sua dimensão econômica e produtiva, transcende essa perspectiva utilitarista, revelando-se como uma força transmutadora essencial na construção de identidades individuais e coletivas. Desde os primórdios das sociedades humanas, o trabalho confere propósito, desvela potencialidades, exhibe habilidades e desperta a criatividade e a imaginação (SOUSA e GUEDES, 2016; ARAÚJO e SACHUK, 2007). Nesse cenário, as relações interpessoais e os afetos encontram solo fértil para se desenvolver, criando uma teia intrincada nos espaços onde a atividade laboral se desenrola. Mais do que isso, o trabalho é uma lente que permite ao indivíduo enxergar sua capacidade transformadora, não apenas em relação aos recursos que manipula, mas também em sua própria metamorfose pessoal. Ao imergir nos meandros de suas tarefas produtivas, o ser humano alcança a consciência de seu poder de modificar não apenas seu entorno, mas também a si mesmo.

Nesse sentido, o trabalho não se resume à esfera econômica; ele se erige como uma força vital na tessitura do tecido social e na construção da identidade individual. Ao transcender os limites do lucro monetário, ele se torna um fio condutor que entrelaça as capacidades humanas, os relacionamentos interpessoais e a compreensão da própria essência transformadora do ser. Sendo assim, a atividade do trabalho, de acordo com Cruz (2006), representa o reconhecimento do indivíduo enquanto ator de dada comunidade no processo de constituição, produção e sustentação social, vez que, através dele é possível concretizar e estabilizar os processos materiais e simbólicos de integração e sustentação de um dado grupo. A partir desse entendimento (da necessidade de reconhecimento, participação, constituição, produção e sustentação social), o trabalho representa importante significado para cada indivíduo.

Nesse contexto, Morin (2008) explica que o significado do trabalho é a tradução da representação social que as atividades executadas têm para o/a trabalhador/a, seja no âmbito individual, quando a identificação do seu trabalho lhe traz os resultados do que ele próprio produziu, seja no âmbito voltado para o grupo, quando está voltado ao sentimento de pertencimento a uma classe ou unidade para a execução de atividades e concretização de objetivos, ou ainda no âmbito social, quando o sentimento da execução do trabalho contribui para o todo e para a sociedade. Ou seja, a produção da vida por meio do trabalho não se restringe

à mera reprodução da existência física dos homens e da mulher. Ela é, antes, um determinado modo de vida dos sujeitos, o ato de exteriorização de sua vida, ou seja, a vida dos homens em cada época histórica coincide com a sua produção; os homens e as mulheres são aquilo que eles fazem de si mesmos pelo trabalho (OLIVEIRA, 2008).

É nesse contexto, da compreensão dos significados do trabalho para os sujeitos, entendendo-os como seres sociais, quer no desenvolvimento de uma atividade coletiva ou individual, que tais indivíduos são capazes de revelar suas subjetividades, suas particularidades e sociabilidades, por meio do conteúdo de suas atividades. Este artigo busca identificar os sentidos e significados do trabalho para as mulheres da COOMAFES – Cooperativa de Mulheres da Agricultura Familiar e Economia Solidária. A COOMAFES é uma cooperativa formada unicamente por mulheres rurais do município de Valença-BA, no território Baixo Sul da Bahia, composta por 102 mulheres, distribuídas em 32 comunidades rurais e 04 Bairros Urbanos.

A cooperativa atua tanto na produção agrícola familiar, com foco em produtos orgânicos e sustentáveis, quanto na comercialização desses produtos, promovendo a autonomia econômica das mulheres e fortalecendo a economia solidária local. Cada comunidade rural e dos bairros urbanos que fazem parte da COOMAFES tem uma liderança feminina que tem protagonizado experiências capazes de transformar vidas no território estudado. Nosso objetivo é demonstrar os sentidos e significados dados por elas ao trabalho antes e depois de fazerem parte de um coletivo solidário, apontando os principais desafios vivenciados por cada uma delas em suas relações com o exercício de suas atividades produtivas.

A metodologia adotada no estudo foi a história de vida, por meio de relatos orais e trajetórias singulares de 16 mulheres rurais. Essa abordagem qualitativa biográfica permite ao pesquisador escutar e analisar a vida dos indivíduos, buscando identificar as experiências vividas e a maneira como são narradas (NOGUEIRA et al, 2017). Os relatos de vida delineiam uma cartografia da trajetória individual em busca de seus acentos coletivos, revelando a riqueza do discurso biográfico para além da mera verificação de fatos. Assim, de acordo com Nogueira et al (2017), o principal objetivo desse tipo de estudo é apreender e compreender a vida e suas trajetórias, conforme ela é relatada pelo próprio autor, revelando as subjetividades e particularidades dos sujeitos. Além da história de vida, foram adotados procedimentos técnicos como a aplicação de grupo focal, cujas análises foram realizadas de forma qualitativa, tomando

por base a observação das vivências, interpretações e representações que as sujeitas da pesquisa fizeram de suas experiências e acontecimentos, bem como a forma como lidaram com a experiência do trabalho ao longo de suas trajetórias.

Este artigo está estruturado em quatro seções, contando com essa introdução. Após a introdução apresentamos uma discussão acerca do trabalho da mulher e seus diferentes sentidos e significados ao longo da história, discorrendo a organização e as relações de trabalho dentro do sistema capitalista e em iniciativas ligadas à economia solidária. Na segunda seção apresentamos os sentidos e significados do trabalho para as mulheres da COOMAFES, onde é possível identificar, através dos relatos das mulheres como tais sentidos e significados se transformam ao longo de suas trajetórias de vida. Em seguida, na terceira seção, trazemos uma reflexão sobre a mulher na economia solidária, abordando aspectos sobre trabalho, protagonismo e participação. Encerramos este trabalho na quarta seção com as considerações finais.

2. O TRABALHO FEMININO NO MEIO RURAL: ENTRE SIGNIFICADOS, DESIGUALDADES E PRECARIZAÇÃO

A divisão sexual do trabalho é um conceito central para analisar as relações de gênero no universo laboral. Ela se refere à forma como as tarefas e responsabilidades são distribuídas entre homens e mulheres na sociedade, com base em construções sociais e culturais de gênero, e não em diferenças biológicas inerentes. De acordo com Santos (2016), historicamente, essa divisão tende a destinar aos homens o trabalho produtivo, remunerado e associado ao espaço público, enquanto às mulheres são atribuídas as atividades reprodutivas, de cuidado e ligadas ao espaço privado, muitas vezes invisibilizadas e desvalorizadas.

No contexto da agricultura familiar, essa divisão se manifesta de maneira particularmente complexa. O trabalho feminino no campo, embora essencial para a subsistência e reprodução da unidade familiar, é frequentemente invisibilizado e desvalorizado, não sendo reconhecido socialmente como trabalho produtivo. As mulheres rurais desempenham múltiplas funções, desde o cultivo de alimentos básicos e plantas medicinais até a criação de animais e o cuidado com o lar e a família. Essas atividades, embora essenciais para o desenvolvimento

humano local e sustentável, são muitas vezes consideradas extensões de seus papéis domésticos e não como contribuições econômicas diretas (SANTOS, 2016).

Essa dinâmica de invisibilidade e desvalorização é intrinsecamente ligada à forma como a divisão sexual do trabalho na agricultura se estrutura. Karin Wall (1986) já apontava que a divisão sexual do trabalho na agricultura não é apenas um princípio de organização social da família e da comunidade camponesas, mas também uma estratégia fundamental de ligação à terra/unidade familiar de produção agrícola. Em cenários de proletarização masculina, onde os homens buscam trabalho assalariado fora da propriedade, a gestão diária da exploração agrícola frequentemente recai sobre as mulheres, que assumem a maior parte das tarefas agrícolas, além de suas responsabilidades domésticas. Essa complementaridade, no entanto, não se traduz em igualdade de reconhecimento ou poder (WALL, 1986).

É precisamente nesse ponto que se torna imperativo analisar a influência de estruturas mais amplas, como o patriarcado. Definido por Heleieth Saffioti (1987, p.16) como um "sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem", o patriarcado estrutura as relações de gênero de modo a favorecer a superioridade econômica, política e moral masculina. No meio rural, o patriarcado se manifesta na atribuição de papéis sociais que relegam o homem ao mundo público e produtivo, enquanto a mulher é confinada ao espaço privado e reprodutivo, mesmo quando participa ativamente das atividades produtivas.

Essa dominação masculina possui um caráter histórico, material e ideológico, perpetuando hierarquias e desigualdades. Pierre Bourdieu (1999) descreve o poder masculino como um sistema de dominação simbólico que se reproduz através de mecanismos estruturais, como a divisão sexual do trabalho, e de estratégias que mantêm a estrutura de dominação entre os sexos. No campo, essa estrutura é reforçada pela centralidade da figura masculina no processo de produção, que coloca os homens na esfera produtiva e as mulheres na esfera reprodutiva. O cotidiano de trabalho consolida e naturaliza essas representações sociais, onde a figura do pai muitas vezes centraliza as decisões e o poder, tornando a opressão intrafamiliar uma experiência naturalizada.

Consequentemente, a desigualdade de gênero no campo é agravada pela precariedade das condições de vida, com a insuficiência de serviços públicos essenciais (educação, saúde, trabalho) que poderiam promover a autonomia socioeconômica e pessoal das mulheres. Segundo Santos (2016), a invisibilidade e a sobrecarga de trabalho na agricultura familiar

intensificam ainda mais essa situação, perpetuando um ciclo de desvalorização e subordinação que afeta profundamente a vida das mulheres rurais.

Apesar das estruturas de dominação, da desigualdade de gênero e da invisibilidade imposta, a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua crescente consciência de suas capacidades transformadoras têm conferido ao trabalho uma dimensão que transcende o meramente econômico. Bomfim (2017) argumenta que para muitas mulheres rurais, o trabalho representa não apenas uma fonte de renda, mas também um meio de alcançar bem-estar social, segurança familiar, realização pessoal, independência financeira e um ato de civismo. Essa perspectiva é crucial para entender a motivação e a resiliência das mulheres no campo, que, mesmo diante de condições adversas, buscam no trabalho a afirmação de sua identidade e autonomia.

No entanto, essa busca por significado e autonomia colide frontalmente com a realidade da sociedade capitalista, que, conforme apontado por Cruz (2006) e Antunes (2009), frequentemente reduz o trabalho a uma fonte de exploração assalariada. Essa precarização é particularmente acentuada para a grande massa de trabalhadores e trabalhadoras, e as mulheres, especialmente as rurais, são duplamente impactadas. A divisão sexual do trabalho e as estruturas patriarcais já as colocam em uma posição de vulnerabilidade, e a precarização contemporânea agrava essa situação, desvalorizando ainda mais seus esforços produtivos e reprodutivos.

A partir do século XX, e intensificada no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, a precarização das condições de trabalho acentuou-se com o avanço dos ideais neoliberais, baseada na expropriação e exploração do trabalhador, na perda de direitos trabalhistas por meio da desregulamentação das leis, e na repartição injusta e desigual da renda nacional (KOROSUE e GUIMARÃES, 2012; ANTUNES, 2009).

A reforma trabalhista no Brasil (Lei n. 13.467/2017), como apontado por Carvalho (2020), aprofundou essa precarização, alterando substancialmente o funcionamento do mercado de trabalho e resultando em empregos em tempo parcial, subcontratações, perda de direitos, e diminuição das forças sindicais. Todo esse cenário, provocado pelas metamorfoses nas relações geradas no mundo do trabalho, como o desenvolvimento tecnológico da Terceira Revolução Industrial, a globalização da economia e a generalização do neoliberalismo, levou ao

desmantelamento do Estado de Bem-Estar Social e à perda de benefícios, aguçando o desemprego estrutural (CRUZ, 2006). Para as mulheres rurais, que já operam em um sistema onde seu trabalho é frequentemente invisível e não remunerado, a precarização formal do trabalho assalariado apenas reforça a lógica de exploração e subordinação, tornando ainda mais difícil a superação das desigualdades de gênero e classe.

Contudo, é nesse contexto de crise que emergem novas formas de organizar o trabalho, como a Economia Solidária. Essas iniciativas buscam proporcionar aos trabalhadores e trabalhadoras, incluindo as mulheres rurais, o desenvolvimento de potencialidades e habilidades, promovendo um sentido de coletividade e valorização do trabalho que vai além da ótica utilitarista do capital (DEJOURS, 1992; CRUZ, 2006). A Economia Solidária representa uma possibilidade de ressignificar o trabalho e de construir relações sociais mais equitativas, desafiando as estruturas de dominação existentes e oferecendo alternativas para minimizar os efeitos adversos do capitalismo, especialmente para as pessoas excluídas do sistema, proporcionando sobrevivência e melhoria da qualidade de vida.

Os elementos que envolvem as relações com o trabalho e com o mundo do trabalho, bem como toda a sua forma de organização baseada nas transformações e metamorfoses sofridas e impostas pelo sistema capitalista e todas as mazelas trazidas por ele, principalmente à massa de trabalhadores/as, assim como as novas formas de se perceber e organizar atividades produtivas, entre elas as coletivas, associativas, cooperadas e solidárias, nos permitem chegar a um entendimento de como os indivíduos passaram a compreender e dar novos sentidos ao trabalho a partir de uma ótica não tão utilitarista, mas que considera também vínculos e papéis sociais. Essa compreensão é fundamental para desvelar as complexas camadas de opressão e resistência que caracterizam o trabalho feminino, especialmente no meio rural, e para propor caminhos que promovam a equidade e a justiça social.

2.1. OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA AS MULHERES DA AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA DA COOMAFES

Neste ponto, nos debruçamos nos sentidos e significados do trabalho para a mulher. Mais especificamente, sobre as formas de organização voltadas às atividades associativas e cooperadas, ligadas à economia solidária, objeto de nosso estudo, ancorado nas atividades das

mulheres da COOMAFES, sujeitas da nossa pesquisa, e como elas compreendem os sentidos e significados da noção “do” e “do seu” trabalho.

Essa noção de um novo sentido e de um novo significado para o trabalho pode ser identificado nos relatos de Pérola, cooperada da COOMAFES desde a sua fundação, em 2013, em que ela conta a relação com o trabalho ao longo da vida, desde a infância, e como tece sentidos sobre o trabalho que realiza hoje. Pérola é uma mulher negra de 57 anos, nascida na comunidade Maria de Bié (nome de sua mãe), em Una-Mirim, município de Valença-Bahia. Sempre viveu na zona rural. É filha de uma família de 23 filhos, sempre teve uma vida muito complicada, difícil em vários aspectos, segundo ela, especificamente na relação do pai com a mãe e entre ela e seus/suas irmãos/ãs, permeada por violências, dependência do álcool, muitas dificuldades financeiras, pobreza, falta de acesso à escola, transporte, entre outras. O pai abandonou a mãe quando a irmã caçula tinha apenas dois anos de idade e ela começou a trabalhar aos seis anos para ajudar a mãe. De acordo com Pérola, ela e todos/as os/as irmãos/ãs sempre trabalharam na roça, carregando cachos de dendê na cabeça.

De acordo com a história narrada por Pérola, ao se referir ao trabalho e como ele passou a fazer parte da sua vida desde a infância, podemos identificar elementos como:

a) Atividades produtivas que Pérola fala que estavam ligadas à agricultura de base e em uma unidade familiar na qual todos/as trabalhavam para o sustento da família, característica em especial no território onde as mulheres, sujeitas da pesquisa, vivem;

b) Havia inúmeras dificuldades e a família enfrentava situação de pobreza, sendo o financeiro elemento que pesava para manter o sustento de todos/as, o que liga toda a estrutura do trabalho desenvolvido por todos/as os/as integrantes da família a uma fonte de renda, revelando o econômico como elemento preponderante; e

c) O trabalho era algo que passava a fazer parte das rotinas e atividades de todos/as da família, inclusive as crianças ainda bem pequenas, ocorrendo de forma compulsória para que se pudesse manter a sobrevivência de todos/as. Isso revela também relações de poder sustentadas pelo patriarcalismo, muitas vezes permeadas por violências tanto a ela como aos/às irmãos/ãs e à mãe.

Nesse contexto, as relações com o trabalho no início da vida de Pérola foram atravessadas por elementos de opressão e fizeram parte da vida de muitas mulheres desde a

construção das sociedades, assim como pela estrutura do sistema capitalista, segundo já apontavam Antunes (2009) e Cruz (2006), em relação à falta de realização e alienação do ser social pelo trabalho quando este é estabelecido apenas pela fonte opressora do capital.

Para além disso, há que se evidenciar as demarcações de gênero, em especial no meio rural, como expõem Silva e Portela (2006), onde a figura masculina determina as atribuições das mulheres e a “ajuda” que os homens devem receber de todos os membros da família nas tarefas da terra, alocando o poder, a autoridade e invisibilizando as atividades realizadas pelas mulheres, em especial, as atividades reprodutivas de demais membros da família.

O relato da entrevistada segue contando que após casar-se e, para além da vida complicada na relação com o esposo, ela continuou a trabalhar na roça. Carregava os/as filhos/as para a lida na enxada. Em suas palavras: “*trabalhava de manhã, chegava de tarde, mas levava os meus filhos. Colocava os menino debaixo de uma moitazinha e trabalhava na roça*”. Separou-se do marido aos 21 anos por não suportar mais as múltiplas violências⁵ que sofria. Ao separar-se do esposo, ela ficou com uma parte da terra e ele com a outra. Na sua parte, ela ficou com seus três filhos, trabalhando; no entanto, a vida continuou ainda com muitas dificuldades, principalmente no campo econômico. Havia entraves financeiros para realizar o trabalho e vender os produtos, pois a comercialização sempre foi muito difícil, principalmente para uma “*mulher sozinha*”. Desse modo, notam-se inúmeros desafios, sobreviver e sustentar a família, a exemplo da falta de valorização no valor de venda dos produtos que ela cultivava, pois, os compradores não pagavam o preço justo e ela se sentia humilhada.

Pérola continua seu relato dizendo: “*...até quando veio o PAA e aí eu comecei a me incentivar, comecei a criar coragem mesmo para plantar, já dormia pensando em acordar para trabalhar*”. É nesse momento da vida de Pérola que os sentidos e os significados do trabalho começam a mudar para ela. Ela passa a se reunir com outras mulheres e a fazer parte de uma cooperativa, a COOMAFES. Hoje em dia, quando Pérola fala seu trabalho, ela se refere dessa forma:

⁵ Importante destacar que, como o estudo envolve mulheres e suas histórias e trajetórias de vida, muitas vezes perpassaremos a temática da violência contra a mulher, apesar de não ser a temática da pesquisa. Essas violências são enraizadas, principalmente nas relações patriarcalistas, nas relações de gênero, na divisão sexual do trabalho, que são aspectos e elementos presentes nas discussões do estudo. Importante destacar também que nem sempre, quando nos referimos à violência contra a mulher aqui, ela estará ligada à violência física. A saber, a violência contra a mulher se classifica em vários tipos: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, segundo o Instituto Maria da Penha (IMP, 2023).

A partir do programa do PAA, aí pronto! Eu plantava, eu tinha alegria, porque eu trazia e não voltava mais com os produtos, porque tinha onde vender, onde entregar... E foi daí quando a cooperativa, a gente foi incentivada pra a gente fazer parte da cooperativa. E a gente também acreditou e auxiliou a cooperativa. Daí para cá, pronto! Teve a feirinha, a feira do espaço solidário. Um espaço muito legal! Aí a gente faz a feirinha dia de sexta-feira, a gente traz nossos produtos, vende tudo, é uma maravilha! Agora, haja força para trabalhar! Porque lugar de vender a gente tem. Agora me sinto muito, muito alegre, porque eu sei que agora eu vou chegar com produto e vou voltar com o dinheiro ou então já sabendo que na data certa tem aquele dinheiro para levar para casa. (PÉROLA)

Pela fala de Pérola, observamos como o sentido e o significado de seu trabalho sofreu profundas transformações, seja no campo econômico, em relação à aquisição de uma fonte de renda, a forma de lidar com a comercialização dos produtos que cultivava, de sentir mudança na estabilidade financeira e, principalmente, no campo social, no produtivo e reprodutivo como fonte de subsistência para a vida, como também pela forma de se reconhecer como agricultora, em como lidar com a terra e com os frutos e fontes de renda, pelas relações e laços criados com as companheiras, como ela mesma se refere a outras cooperadas, sejam eles afetivos ou sociais, pelos papéis de que se deu conta que atualmente desempenha, por uma nova identidade de mulher criada a partir de sua inserção no coletivo de mulheres da COOMAFES.

Do mesmo modo, Cristal, também cooperada, em uma das Rodas de Conversas realizadas durante a pesquisa de campo, relatou sobre a importância do seu trabalho:

... Então, aqui é o meu trabalho! Trabalho em outras atividades da roça também, mas o forte mesmo é esse aqui [referindo-se ao plantio de hortaliças e outras atividades da agricultura familiar na sua propriedade]. Então, as hortaliças eu vendo na feira da economia solidária, levo para o abastecimento da loja no Espaço Solidário, tudo produto orgânico, já que nossos clientes fazem questão de comprar nossos produtos por serem orgânicos. Tanto eu e as minhas outras companheiras, as meninas ali do espaço da cozinha de produção. Esse é o nosso serviço e a gente fica muito gratificante, porque hoje a gente planta nossas coisas e tem onde comercializar: no espaço solidário, na feira, nos clientes particulares que entram em contato e pedem, entregas nos mercados... E é assim, hoje a gente se sente mais realizada porque trabalhando em família, trabalhando em grupo, na coletividade, junto com as companheiras da cooperativa, é muito bom, muito bom mesmo. A gente sente que... a gente trabalha desde a infância e a gente nunca teve uma oportunidade dessa e hoje a gente tem, então eu me sinto realizada mesmo e eu só tenho que agradecer a Deus por essa oportunidade! (CRISTAL)

A importância que o trabalho passa a ter na vida de cada sujeito e o valor atribuído a ele está de acordo com as experiências vividas, vez que os significados e sentidos do trabalho são (re) elaborados. Conforme as experiências no trabalho e sentimentos positivos relacionados a ele vão ocorrendo, passam a ter valor também em outros campos e esferas de constituição da vida do indivíduo/trabalhador (MOW, 1987; VILELA, 2003).

Já no relato de outra entrevistada, a Ágata de 46 anos, conta que após casar-se foi viver na zona rural com o esposo e que na roça, viveu exclusivamente do que plantava e frisa que não tinha oportunidade de ser reconhecida pelo trabalho. *“Eu fazia as coisas, entregava para o marido, o marido ia para rua vendia e trazia como ele queria, como ele entendia, eu não tinha autonomia”*. Ágata conta, ainda, que nesse tempo a vida dela era sempre com crianças pequenas, *“os meninos com o caderninho lá no fundo da roça. Eu limpando na enxada e a menina estudando ali”*... e, com isso, o fruto do trabalho, no final da semana, ela mandava para a feira e o marido vendia. *“Só que eu não tinha o pertencimento de saber quanto que eu fazia com aquilo”*..., lembra ela.

Ágata revela também que sofria por parte do marido uma relação de subserviência e que, durante muito tempo, ficou *“debaixo dos pés dele”*, pois o marido detinha o controle de tudo que era produzido, inclusive por ela, bem como do dinheiro, além de sofrer outros tipos de abusos e violências ligadas, principalmente, às relações de gênero incrustadas no seu espaço e ambiente familiar.

Somente um bom tempo depois Ágata conheceu “Safira”, presidente da cooperativa de mulheres. Por esse encontro, teve acesso a alguns programas públicos do governo e, através disso, passou a ter o que ela chamou de *“o empoderamento que precisava”*, porque as coisas que a gente produzia eu não sabia o valor, até porque quem gerenciava era meu marido”. E completa dizendo que:

A partir daí a gente foi tendo pertencimento e começando a ser empoderada e a produzir nossas coisas que a gente já produzia e saber o valor, e aí a gente já tinha a feira, a gente já vendia algumas coisas... Antes da cooperativa eu vendia no grosso, assim, vendia pra atravessadores e depois, com a feira, a gente começou a vender e a gente começou a dar valor ao fruto do nosso trabalho.

Hoje eu trabalho com horta, exclusivamente com horta e com os produtos da agricultura familiar: com banana, com aipim, com a própria horta, o milho, feijão, amendoim, esses produtos são cultivados de forma... com os princípios orgânicos e agroecológicos, né? Hoje o meu trabalho representa a minha independência financeira e o meu empoderamento como mulher. (ÁGATA)

Nos relatos de Ágata, ficam explícitos os novos sentidos e significados do seu trabalho, em especial ao afirmar que *“o seu trabalho representa sua independência financeira e seu empoderamento como mulher”*, vez que, durante boa parte da sua vida foi subserviente ao esposo, sendo o seu trabalho e a sua relação com ele algo que, de certa forma, a degradava. Após a sua ligação com o coletivo de mulheres, quando passou a fazer parte da cooperativa, a

relação com o trabalho que realizava na roça mudou, tornando-a uma pessoa, como ela mesma professou por diversas vezes durante sua narrativa, “*empoderada*”.

Para Ágata, foram ressignificados os sentidos do trabalho a partir de uma configuração na perspectiva do cooperativismo em bases de economia solidária o que, para Veronese (2015), repercute na subjetividade dos/as trabalhadores/as que nela atuam, transformando suas posições de identidade, suas relações intersubjetivas, seus sistemas de crenças, suas emoções e suas vivências, sendo o trabalho, conforme aponta Luckács (1981), citando as concepções acerca do trabalho para Marx (1844), uma dimensão que não se pode eliminar da vida humana visto que, por meio dele, o homem tem a capacidade de (re)criar, livre e conscientemente a sua realidade, permitindo-se um salto da mera existência orgânica à sociabilidade: “É também pelo trabalho que a subjetividade se constitui e desenvolve-se constantemente, num processo de autocriação de si” (LUCKÁCS, 1981, p. 12).

Trazemos também os significados e sentidos do trabalho para Esmeralda, 42 anos, cooperada da COOMAFES, filha de produtores rurais da região de Valença, mais precisamente na região do Cariri, próximo ao Baixão da Várzea, distrito de Serra Grande. Esmeralda conta que suas referências de trabalho partem da zona rural e que, tanto ela quanto a família de oito irmãos/ãs, sempre tiveram muitas dificuldades para terem acesso à escola, apesar do imenso esforço de seus pais para manter os/as filhos/as estudando.

Eram dificuldades em relação ao transporte, recursos financeiros, aquisição de materiais para estudar, etc. Contudo, ela e os/as irmãos/ãs estudaram, a maioria concluiu o segundo grau (atual Ensino Médio) e, após algum tempo, alguns/as deles/as buscaram o nível superior, como foi seu caso. Desde a infância e à adolescência, eles/as sempre tiveram contato com o trabalho pois, como filhos/as de agricultores familiares, ajudavam na roça e no trabalho doméstico (no caso do doméstico, especialmente as filhas mulheres). Assim, foram entrando no mundo do trabalho, depois no mercado (na venda de mercadorias), a partir dos produtos da agricultura familiar e o trabalho de casa. Na localidade onde moravam, tiveram formação religiosa na Igreja Católica e, com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base⁶, desde muito cedo tiveram contato

⁶ São a base de um modelo de organização eclesial que tem como referência pastoral uma rede articulada de comunidades, circunscritas a um espaço territorial e que para além das atividades celebrações ligadas a fê, também se preocupa com os aspectos da realidade social que desrespeitam a dignidade humana, em especial a dos mais pobres. Por isso a dimensão social das CEBs costuma se expressar no apoio de seus membros a diversas formas

com o trabalho em comunidade, de cunho associativista, e em vários projetos sociais assistencialistas.

Hoje em dia (2023), Esmeralda é funcionária pública, mora na zona urbana do município. Cooperada na COOMAFES, ela destaca que, apesar de não viver mais na roça, nunca perdeu a sua referência e identidade com o meio rural. Segundo ela, ainda possui seu pedaço de terra e produz gêneros da agricultura familiar e isso a aproxima das mulheres da cooperativa, que em sua maioria são agricultoras.

Em sua trajetória com o trabalho, ela relata que desenvolveu atividades no Centro de Referência da Mulher, equipamento da política da mulher que atua no enfrentamento à violência doméstica em seu município e “*em sintonia desse equipamento com outros equipamentos da rede de assistência social, com o programa de aquisição de alimentos, os CRAS, e ... nós conseguimos avançar e conhecer outras realidades das mulheres*”. Assim, já fazendo parte da COOMAFES, ela passou a realizar um trabalho de fortalecimento com todas as cooperadas para que sentissem seu trabalho valorizado e para que as mulheres pudessem ser motivadas e descobrissem sua própria autoestima.

Podemos perceber nos relatos de Esmeralda que, durante toda a sua trajetória de vida, o trabalho sempre esteve presente, desde o período da infância. Essa é uma característica que se repete ao longo das narrativas das mulheres pesquisadas e observamos que é um traço recorrente dos sujeitos rurais (SILIPRANDI e CINTRÃO, 2015; OSORIO-CABRERA, 2017).

A forma de relacionamento com o trabalho, para Esmeralda, diferencia-se um pouco, em contraponto a outras narrativas já apresentadas porque, apesar desde muito cedo ela e os/as irmãos/ãs trabalharem, esse trabalho estava muito mais ligado a uma espécie de ajuda, pois tinham responsabilidade maior com os estudos. Para os pais de Esmeralda, a necessidade de oferecer escolarização aos/às filhos/as, mesmo tendo que lidar com inúmeras dificuldades, sempre foi priorizada. Desde muito cedo também, percebe-se uma preocupação com a convivência em grupo, da vivência em comunidade e da utilização de espaços e do trabalho coletivo. Isso fica muito claro em sua narrativa quando ela diz que “*nós tivemos uma formação muito boa, religiosa da Igreja Católica, através das comunidades eclesiais de base, que o*

de ação coletiva, como os movimentos reivindicatórios, e no incentivo à participação em organizações populares. Disponível em:< <https://portaldascebs.org.br/o-que-sao-cebs/>>.

... nossos pais também incentivavam muito, e davam muito exemplo da convivência de comunidade, do trabalho associativista... ”

Portanto, para Esmeralda, o sentido do trabalho não teve significado opressor, mas de fonte de realização pessoal e de compromisso coletivo, podendo ser retomadas aqui as referências de Woodward (2008) em relação à representação do trabalho como fonte de realização pessoal e ato de civismo.

Nessa perspectiva, Oliveira (2008) diz, por meio de uma análise a partir de Marx (1844), que o ser humano possui potencial para realizar-se, ser livre e universal, efetivando-se no curso histórico e dando novos rumos a sua existência através de um processo de autoconstrução em suas dimensões subjetivas e intersubjetivas, possibilitada pela atividade essencial do trabalho, por meio do qual o homem objetiva seu espírito no mundo, materializando em objetos suas inquietações, ideias e sentimentos, bem como toda a sua riqueza social, podendo modificar a realidade natural que o circunda, criando uma nova realidade, da qual dos demais indivíduos podem usufruir, constituindo assim um feixe de relações sociais.

Essa reflexão pode ser identificada em vários trechos da fala da cooperada, em especial quando ela afirma: *eu me sinto assim muito feliz de ter contribuído... porque foi um movimento revolucionário de mulheres que almejavam e almejam emancipação de produção, de empoderamento... de dizer eu produzo, mas eu não sei só produzir... eu sei comercializar, eu estudo, eu preciso melhorar minha qualidade de vida*. Expressada aqui, nessas palavras de Esmeralda, a sua realização em contribuir para o crescimento e melhoria da qualidade de vida de outras cooperadas, bem como: *“então, eu me sinto assim, muito realizada enquanto cooperada da COOMAFES, de ter também contribuído com essa formação dessas mulheres... esse processo, nos aproxima dos outros... essa é uma força que eu tenho para o trabalho, o meu trabalho, dentro da cooperativa”*. “É nessa relação com a natureza e os demais homens, mediada pelo trabalho, que o ser humano constrói sociedades, reconfigura a história e, simultaneamente, molda a sua essência” (MARX, 2004, p.80).

Por meio dos trechos das entrevistas apresentadas acerca dos sentidos e significados do trabalho para as mulheres da COOMAFES, temos um panorama de como o trabalho se (re)configura e se (re)organiza ao longo das trajetórias de vida dos indivíduos, em especial para essas mulheres, e podemos inferir que o trabalho pode abarcar diversos significados a depender

do contexto vivenciado pelo/a trabalhador/a em diferentes momentos da vida, podendo assumir uma configuração degradante em determinado momento ou realizador em outro, como ficou explícito nos relatos das mulheres que fazem parte da cooperativa.

É importante, sobretudo, destacar que novas configurações de sentidos e significados do trabalho para as integrantes da cooperativa emergiram, principalmente, da organização delas em um coletivo solidário, onde práticas e experiências produtivas assumiram novos contextos de “ser, fazer e lidar” com o trabalho, além das transversalidades que permeiam outras formas de se relacionar social, econômica, produtiva e reprodutivamente.

3. MULHER NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: TRABALHO, PROTAGONISMO E PARTICIPAÇÃO⁷

As experiências e práticas ligadas à Economia Solidária são fundamentadas por diversos/as autores/as, que as explicam como atividades econômicas organizadas coletivamente por meio de práticas de solidariedade e cooperação, amparadas em diferentes formas de autogestão que, arrançadas em redes de aprendizagem e produção, valorizam a vida humana (SINGER, 2002; GAIGER, 2004; FRANÇA FILHO e LAVILLE, 2004). Tais experiências atuam como forma de valorização do trabalho (inclusive dos que são invisibilizados), bem como estão associadas ao suporte identitário, à inclusão social e à valorização da vida humana autônoma e digna constituindo, assim, redes de aprendizagem e fortalecimento dos grupos e empreendimentos solidários.

Além disso, o conceito de economia solidária representa o enfrentamento à precarização do trabalho causada por um padrão de reprodução capitalista neoliberal que, em países da América Latina e, especialmente no Brasil, assume a forma Neoextrativista⁸ (ESCOBAR, 2015; GUPTA; POUW, 2017; BRAND; BOOS; BRAD, 2017; NIEDERLE et al., 2019). Essa prática

⁷ Os trechos introdutórios desta seção, em especial os dados da participação das mulheres em EES, de acordo com pesquisas realizadas por autores/as citados/as, foi parte de um artigo intitulado: *Mulheres na Economia Solidária: motivações, desafios e participação na Rede Mata Atlântica...* publicado no livro *Biodiversidade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável*, Editora Conhecimento Livre, ano de 2020, porém são dados e informações coletadas como parte do processo de construção da pesquisa de doutorado que deu origem a esse artigo.

⁸ Termo utilizado pelos autores para explicar um modelo de desenvolvimento baseado, principalmente, na exploração de recursos naturais, a exemplo da mineração, *commodities*, dentre outros e que geralmente são destinados ao comércio externo, favorecendo a manutenção, funcionamento e reprodução do sistema capitalista, que por sua vez, está ligado ao baixo crescimento econômico de longo prazo e associado a impactos sociais e ambientais diversificados (ESCOBAR, 2015; GUPTA; POUW, 2017; BRAND; BOOS; BRAD, 2017; NIEDERLE et al., 2019).

agrava as desigualdades e a pobreza, contribuindo para crises e colapsos tanto ecológicos quanto sociais, em especial em grupos e comunidades de populações mais vulneráveis.

No Brasil, são múltiplas as experiências de economia solidária. São incontáveis⁹ empreendimentos e grupos com atividades diferenciadas e, na composição de cada um deles, há diversidade de atores sociais e de experiências. Dessa forma e por essa razão, inúmeros aspectos, elementos, histórias, comportamentos, relações produtivas e sociais, não podem ser tomados como experiências únicas e universalizantes, condição que se aplica perfeitamente à participação feminina no contexto solidário, pois as mulheres cada vez mais têm conquistado espaço em atividades cooperadas e associativas ligadas à Economia Solidária.

De acordo com uma pesquisa realizada por Borges, Nunes e Borges C. (2020), as projeções em números de mulheres atuando em empreendimentos solidários têm crescido consideravelmente, levando-as a um patamar de participação cada vez maior nos espaços públicos e coletivos e, assim, tornando-as protagonistas das suas histórias, promovendo a (re)significação de seus papéis e obtendo o reconhecimento do seu trabalho.

A presença das mulheres na Economia Solidária, inclusive à frente dos EES (como nos referiremos, doravante, aos Empreendimentos Solidários), tem trazido reflexões acerca do papel da mulher na geração de vínculos econômicos e sociais, como também no reconhecimento e na construção da sua própria cidadania e daqueles/as que as circundam. Traz reflexões sobre como as mulheres podem atuar como agentes de desenvolvimento, buscando valorização social e produtiva, além de reelaborem a autoestima feminina, processos de autonomia e capacidade de influência e um novo *status* de participação política e social (TOURAINÉ, 2007).

Com efeito, a participação das mulheres nos EES e atividades ligadas à Economia Solidária nos últimos anos tem sido expressiva e, de acordo com Lima e Soares (2011), esse aumento ocorre, principalmente, em função da divisão sexual do trabalho, que as impulsiona ao enfrentamento da redução da invisibilidade e da marginalização produtiva.

⁹ De acordo com o último levantamento oficial realizado pelo SIES – Sistema de Informações de Economia Solidária, ligado à SENAES - Secretaria Nacional de Economia Solidária, extinta ainda no governo Temer, denominado de II Mapeamento de Economia Solidária no Brasil, que ocorreu entre fins de 2009 e início de 2013. Identificou-se 19.708 empreendimentos, organizados e distribuídos entre 2.713 municípios brasileiros em todos os estados da Federação. No entanto, devido à extinção da SENAES, é importante salientar que não existem estudos mais recentes sobre números da Economia Solidária no Brasil, vez que o SIES deixou de ser alimentado/atualizado.

Dessa forma, observa-se que a proposta da Economia Solidária é de rompimento da divisão social do trabalho, apesar dos inúmeros desafios a serem ainda superados, bem como criar espaços de socialização mais amplos, calcados em uma perspectiva democrática e no estabelecimento de novas formas de distribuição da riqueza como bases para uma economia e uma sociedade mais justas e solidárias, além de darem para elas um novo sentido e significado ao seu trabalho. Para isso, busca-se a construção de relações horizontais nas esferas de produção e distribuição, pelo exercício de novas práticas e convivências de igualdade e autonomia para as mulheres. Tais valores têm como foco também, possibilidades para construção de relações de gênero mais igualitárias no mundo do trabalho (LIMA; SOARES, 2011).

Bonumá (2015) também aponta o aumento gradativo da participação das mulheres na economia solidária, em especial em espaços de comercialização e representação. Elas compõem parte dos membros associados desses empreendimentos, demonstrando a sua relativa participação nesses espaços. No entanto, ainda é pouco visível a participação da mulher nos cargos de diretoria dos empreendimentos, de acordo sua pesquisa, que utilizou dados apontados pelo SIES – Sistema de Informações de Economia Solidária entre os anos de 2007 a 2015.

Segundo a mesma autora, por meio desses dados, percebe-se que as mulheres predominam nos EES, principalmente quando se trata de grupos menores e nos informais; já os homens predominam mais nas cooperativas e empresas solidárias maiores e formalizadas (BONUMÁ, 2015). Apesar desses números, que apresentam um panorama mais geral sobre a participação das mulheres na economia solidária em nível de Brasil, havemos sempre de contar com exceções, como é o caso da COOMAFES, a que se dedica a nossa apresentação aqui.

Outro ponto que suscita discussão é que, apesar da crescente participação da mulher em atividades ligadas à economia solidária e, além do que já foi citado, no que diz respeito à sua tímida participação nos cargos de diretorias de EES e em empreendimentos menores, há ainda o cuidado com os/as filhos/as no horário de trabalho, a falta de contribuição dos esposos ou companheiros, sendo obrigadas a levarem as crianças enquanto executam suas tarefas laborativas ou contar com as redes informais de parentesco e vizinhança (BONUMÁ, 2015).

Com todos esses desafios, ainda assim, parte significativa dessas mulheres é responsável por importante fatia da renda para sustentar a família, quando não ocorre de serem a principal e única renda familiar, como é o caso das mulheres da cooperativa pesquisada, a

COOMAFES, em que se apontou que parte expressiva das cooperadas é responsável pelo sustento de suas famílias.

Assim, ao se empreender discussões acerca da mulher a partir do lugar da divisão sexual do trabalho e das questões que permeiam as relações de gênero, também no contexto da Economia Solidária, pode-se perceber que, ainda que sejam considerados tímidos os ganhos financeiros, bem como a sua participação em cargos vistos como de importância e visibilidade junto aos EES (BONUMA, 2015; LIMA; SOARES, 2011; VERONESE, 2015; TOURAINE, 2007), a participação feminina nos espaços solidários tem proporcionado outras conquistas como os sentimentos de inclusão social, de engajamento, de emancipação, pertencimento, dentre outros, capazes de ressignificar suas vidas e trazer-lhes autonomia e novas perspectivas por meio da cooperação e da solidariedade.

Sobre a participação feminina na economia solidária no Território Baixo Sul da Bahia Borges, Nunes e Borges C. (2020), ao realizarem a análise descritiva de dados em um estudo sobre a participação de atores sociais em EES que compõem parte dos empreendimentos da então Rede Mata Atlântica, à época da pesquisa, a primeira constatação a chamar atenção foi a expressiva participação das mulheres, representando 72,5% da amostra, enquanto a proporção de homens foi da ordem de 27,5%. A despeito das circunstâncias que forçam mulheres a ingressar no setor produtivo sob condições precárias e de forma não espontânea, a participação e o engajamento das mulheres nos EES são destacados, como mostra Culti (2004) ao enfatizar a expressividade e liderança das mulheres nesse campo, assim como a sua representatividade em setores considerados masculinos, contribuindo assim para desconstruir a ideia assimilada socialmente da superioridade dos homens nas atividades laborais.

É importante destacar que, no território em estudo, não foram encontrados em nenhuma base oficial dados atualizados sobre a participação das mulheres nos empreendimentos solidários, muito menos o percentual de ocupação delas em cargos de direção. Sobre esse aspecto, as últimas pesquisas e levantamentos de dados estruturais dos empreendimentos solidários no Brasil foi realizado entre os anos de 2010 e início de 2013, conforme aponta Relatório do IPEA sobre Análise das Dimensões Sócio Estruturais dos Empreendimentos Solidários no Brasil, publicado no ano de 2017 (SILVA, 2017).

O fato é que, por estar defasado, o banco de dados pode não retratar a atual realidade dos empreendimentos solidários no país, bem como no território estudado, vez que a base de dados deixou de ser alimentada desde 2013. Para piorar, no Governo Temer, seguido também do Governo Bolsonaro, os investimentos na Pasta da Economia Solidária foram diminuídos, praticamente interrompidos, e a situação se agravou ainda mais com a extinção da Secretaria Nacional de Economia Solidária. Os dados, portanto, deixaram de ser atualizados.

As mulheres da COOMAFES têm protagonizando em seu território importantes papéis, desde que alcançaram o que chamam de empoderamento de si mesmas, como também das demais companheiras da cooperativa, pois muitas delas passaram a “*tomar as rédeas da própria vida em todos os sentidos, como mulher, trabalhadora, como aquela que produz, vende seus próprios produtos, organiza as finanças*”, conforme relato de Ágata e também o de Esmeralda, quando dizem que a COOMAFES surgiu fruto do trabalho realizado com as mulheres, em especial quando mencionam:

...avançamos no conhecimento dessas e de outras mulheres de outras regiões do município de Valença e quando a gente começou a se aproximar dessas mulheres e a gente sentiu o potencial delas, muito produtoras, muito trabalhadeiras, muito esforçadas, mas a gente via que elas precisavam, de políticas públicas que fortalecesse o seu trabalho, que as valorizassem, que motivasse elas para autoestima... (ESMERALDA)

Esses relatos demonstram que, a partir da participação das mulheres nesse coletivo ligado à economia solidária, elas passaram a integrar a cooperativa e tornaram-se protagonistas de suas próprias histórias e, ao mesmo tempo, referências para outras mulheres em outros coletivos solidários no território, em especial quando se destacaram no quesito comercialização, como Amazonita cita em seu depoimento em uma das rodas de conversa realizadas durante o processo de coleta de informações em campo:

Depois que eu passei a fazer parte da cooperativa minha vida mudou muita coisa, porque a gente antigamente vivia lá na roça, não tinha tanto conhecimento, não tinha esse desenvolvimento, do jeito que a gente tem hoje... através da cooperativa, então para mim houve muitas mudanças. Por exemplo, antes a gente vivia lá na roça, também não tinha muita comunicação com as pessoas, comunicação direta mesmo (se referindo ao contato direto com o cliente) e, através da cooperativa, a gente passou a ter... e isso melhorou muito a vida da gente, nos transformou. (AMAZONITA)
(Extraído na realização da técnica grupo focal durante o trabalho de campo, 2021/2022)

Comercialização sempre é um fator muito forte e citado entre pelos/as participantes de EES, conforme tem sido apontado em diversas pesquisas¹⁰ (BORGES, 2019; NISHIMURA, 2005; MOTA, 2009; NATIVIDADE, 2011), pois se trata de elemento fundamental para a sobrevivência, tanto dos empreendimentos solidários quanto de suas famílias. Com as mulheres que fazem parte de coletivos solidários do território Baixo Sul não é diferente, sendo a COOMAFES uma referência de coletivo de sucesso no assunto, em especial pela forma como estão organizadas e como é realizado todo o trabalho com as cooperadas. Sobre comercialização, identificação das mulheres da cooperativa e ser referência seja para outros coletivos ou para clientes, inclusive de outras cidades e regiões, Jaspe expressa e valida em sua fala ao dizer que:

A gente tem mais conhecimento, onde a gente chega já nos identificam – “olha onde estão as Dálias” (se referindo as mulheres da Associação das Dálias que faz parte da COOMAFES), e aí a gente já tem várias pessoas que nos fazem pedidos, gente de longe, de outras cidades, por exemplo, de Cachoeira-Ba. As meninas já levaram várias coisas: já levaram azeite, já levaram temperos, já levou tapetes, como esse aqui (mostra o tapete feito de fuxico) e várias outras coisas que a gente faz também... E aqui nem se fala mais, porque a gente vende na feira, a gente vai para outras feiras também vender, como nas cidades de Teolândia-Ba, em Camamu-Ba, sempre a gente vai... (JASPE) (Extraído na realização da técnica grupo focal/Roda de Conversa durante o trabalho de campo, 2021/2022

Nos relatos, depoimentos e falas das pesquisadas, aos poucos, é possível constatar tanto a participação quanto o protagonismo dessas mulheres, seja no espaço do território, seja em seu ambiente familiar, seja na comunidade da qual fazem parte, na roda de amigos, em espaços públicos e privados, em espaços de tomada de decisões, de acesso às políticas que possam contribuir para o crescimento do seu empreendimento e, conseqüentemente, de seu trabalho, entre outras conquistas, após fazerem parte desse coletivo solidário.

Podemos captar nas falas o sentimento de transformação pela via do trabalho e da economia solidária, de reconhecer-se por meio do seu trabalho, do orgulho de ser a mulher que se tornou, de terem seus nomes consagrados através da cooperativa, pois assim elas enxergam este coletivo, como aquele que foi o vetor de transformação de suas vidas, conforme Madrepérola relatou em uma das rodas de conversa durante a pesquisa de campo:

¹⁰ Pesquisas realizadas sobre fomento de políticas públicas, em especial sobre apoio a cadeia produtiva, comercialização e geração de trabalho emprego e renda por parte de pesquisadores/as em estudos de mestrado e doutorado em diversas universidades e incubadoras de economia solidária em estados e municípios do Brasil.

Oi, meu nome é Madrepérola, moradora da comunidade de São Fidelis. Faço parte da Cooperativa de Mulheres, a COOMAFES, onde nós estamos na economia solidária e na agricultura familiar. Eu faço parte dessa cooperativa há alguns anos e isso mudou muito a minha vida! Em que sentido? Me fez resgatar as minhas raízes, de quando criança e quando fui criada na roça, com meus pais...

Hoje, eu vejo, assim: aprendendo a fazer com as mulheres da cooperativa, que me fez assim... dá mais vontade de ser empreendedora, de ter meu próprio negócio, eu mesma conquistar, fazer, criar, então a gente planta, a gente colhe, a gente faz os nossos produtos de consumo, para venda, para consumo próprio também, e isso é muito bom né? A gente tem pimenta, a gente faz os bolos, nós temos criado galinha da terra, isso é importante, porque é das raízes na roça, só coisas da roça, das quais a gente precisa... A agricultura familiar ela busca essas coisas, entendeu? Que já estava meio perdido. E hoje a COOMAFES tem resgatado isso na gente, sabe? Também nas pessoas, através da gente, e isso, é tão fortalecedor! Isso me incentiva a querer ser mais, a fazer muito mais daquilo que eu já sei... E fazer tudo que eu tenho aprendido...

Na COOMAFES nós nos sentimos “supermulheres” mesmo! Realmente, só falta a capa. Mas, a capa tá aqui ó (mostra orgulhosa a blusa da COOMAFES), que é o nosso uniforme, do qual realmente fazemos parte e isso é muito importante, muito gratificante fazer parte dessa família COOMAFES. (Extraído na realização da técnica grupo focal/Roda de Conversa durante o trabalho de campo, 2021/2022).

O relato de Madrepérola, além de emocionar, reafirma que as mulheres têm despontado com efetiva participação e protagonizado iniciativas e experiências solidárias e construído caminhos que as têm tornado sujeitos políticos, participativos e empoderados, ressignificando seus papéis na superação da exclusão e a invisibilidade social, com o orgulho de reestabelecer sua identidade como mulher rural.

Na verdade, a experiência dessas mulheres neste coletivo demonstra como elas ressignificaram os sentidos e os significados que tinham e que hoje tem do seu trabalho, demonstra também suas potencialidades para o trabalho, para a autonomia e participação, para reestabelecer novas configurações voltadas às relações de gênero e da divisão sexual do trabalho, demonstra a transformação de suas próprias histórias por meio das atividades ligadas a economia solidária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar da mulher no processo de construção da maioria das sociedades foi marcado pela relação de dominação e divisão entre os sexos. Por essa construção, o mundo social organiza-se, entremeando arbitrarias divisões, começando pela classificação socialmente construída e hierarquizada entre os sexos, imposta como natural e evidente, tendo desenvolvido

dispositivos de reconhecimento e legitimação. Não foi diferente essa relação também nas relações de trabalho.

Este artigo apresentou reflexões acerca dos sentidos e significados que as mulheres rurais ligadas as atividades da agricultura familiar e economia solidária no Território Baixo Sul da Bahia, mais especificamente as mulheres da COOMAFES, atribuem ao seu trabalho, discutindo sobre as relações delas com o trabalho, sua representação e o seu lugar na sociedade, em atividades produtivas e reprodutivas, bem como com os significados que elas atribuíam e atribuem ao trabalho nos dias de hoje, de acordo com as suas experiências vividas.

Nas últimas décadas, a posição adotada pelas mulheres modificou-se consideravelmente em todas as partes do mundo, não sendo diferente também no Brasil. Tais posicionamentos trouxeram transformações profundas nas vivências e na compreensão dos papéis assumidos por elas. Os resultados apreendidos através dos relatos das histórias de vida das participantes da pesquisa demonstraram as conquistas e o sentimento de consciência e de transformação pela via do trabalho e da economia solidária, de reconhecer-se por meio do seu trabalho, do orgulho de terem se tornado as mulheres que são hoje, de terem seus nomes consagrados através da cooperativa e por meio das atividades que desenvolvem em seus espaços rurais.

Essa percepção delas, não se restringem apenas à importância e valoração econômica, mas, sobretudo, na identificação das características de ações transformadoras, dando sentido e ajudando na construção de identidades individuais e sociais, em que foram capazes de identificar e descobrir suas potencialidades, limitações, habilidades, criatividade e imaginação. Tudo isso, constatado a partir da consideração das relações e afetos que desenvolveram nos espaços e ambientes de suas atividades produtivas, tomando dessa forma, consciência de suas capacidades transformadoras, sendo, portanto, capazes de reconhecer os sentidos e os significados do trabalho no passado e no presente, a partir da participação no coletivo solidário.

Os resultados apontaram também o protagonismo e a participação dessas mulheres na economia solidária, as problemáticas enfrentadas nas relações de gênero e desigualdades sofridas no passado (e por vezes, ainda no presente), mas que tem sido superada através dos processos de empoderamento e ressignificação de seus papéis, a contar da inserção e participação nesse coletivo solidário.

Assim, a experiência acerca do trabalho das mulheres da COOMAFES, no Baixo Sul da Bahia, tem sido de grande referência para elas e outros grupos ligados a agricultura familiar e economia solidária, pois através dos novos sentidos e significados dado ao trabalho, elas se fortaleceram, através da descoberta de suas potencialidades, da conquista de autonomia e através de uma maior participação política em espaços públicos, como também no privado, vencendo desafios ligados às questões de gênero e divisão sexual do trabalho, transformando assim suas próprias histórias de vida.

Para aprofundar a compreensão sobre o tema e ampliar o impacto dos estudos sobre o protagonismo das mulheres rurais e a economia solidária, sugere-se a exploração de diversas linhas de pesquisa futuras. Primeiramente, é fundamental a realização de estudos comparativos inter-regionais entre cooperativas de mulheres em diferentes localidades do Brasil ou da América Latina. Tais análises permitiriam identificar padrões, desafios comuns e estratégias de sucesso que possam ser replicadas ou adaptadas a outros contextos, enriquecendo o debate sobre a economia solidária e o empoderamento feminino. Adicionalmente, uma análise crítica das políticas públicas existentes, com foco em gênero, é crucial para avaliar sua efetividade no fomento da agricultura familiar e da economia solidária, identificando lacunas, entraves burocráticos e propondo melhorias que garantam um atendimento mais eficaz às necessidades e especificidades das mulheres rurais. Por fim, investigar como as mulheres agricultoras estão incorporando inovações, tecnologia e práticas de sustentabilidade em suas atividades produtivas e de gestão pode revelar caminhos para a melhoria de suas condições de trabalho, o desenvolvimento de novos produtos e mercados, e a promoção de práticas agrícolas mais resilientes às mudanças climáticas.

Em uma segunda vertente, as pesquisas futuras poderiam se aprofundar nos aspectos sociais e humanos do engajamento feminino na economia solidária. Um estudo sobre o impacto geracional da economia solidária é essencial para analisar como a participação das mulheres em cooperativas influencia as novas gerações, investigando as percepções, aspirações profissionais e de vida de filhas e netas, e como a experiência de suas antecessoras molda suas escolhas futuras. Paralelamente, é relevante explorar a relação entre a participação em coletivos solidários, a autonomia econômica e a saúde mental, bem-estar e coletividade das mulheres agricultoras. Essa linha de pesquisa consideraria os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e o papel do apoio mútuo na resiliência e no enfrentamento de adversidades,

oferecendo uma compreensão mais holística dos benefícios e impactos do trabalho cooperativado na vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Editora Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. Dimensões da crise e metamorfoses do mundo do trabalho. **Revista de Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 50, p. 79-86, abr. 1996.

ARAÚJO, R.R.de.; SACHUCK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, janeiro/março 2007.

BOMFIM, L.S. V. **Trabalho, alienação e estranhamento**: uma contribuição a uma educação emancipatória. Petrolina-PE: SABEH, 2017.

BONUMÁ, H. **As Mulheres e a Economia Solidária**: a resistência no cotidiano tecendo uma vida melhor. 2015. 97 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) Ciências Sociais Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

BORGES, A. V.B. NUNES, S. A. N. BORGES, C.H.L. Mulheres na economia solidária: motivações, desafios e participação na Rede Mata Atlântica no Território Baixo Sul da Bahia. In. ULHÔA, J. RIBEIRO, L. (**Orgs**). Biodiversidade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Priracanjuba –GO. Editora Conhecimento Livre, 2020.

BOURDIEU, P. A dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAND, U.; BOOS, T.; BRAD, A. ScienceDirect Degrowth and post-extractivism : two debates with suggestions for the inclusive development framework. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 24, p. 36–41, 2017.

CARVALHO, S. S. de. Uma visão sobre a reforma trabalhista. **Política em Foco**. n. 63. Out/2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8130/1/bmt_63_vis%C3%A3o.pdf> Acesso em: 01. Out. 2020.

CULTI, M.N. Mulheres na Economia Solidária: Desafios Sociais e Políticos. In: Congresso Europeu, 4, 2004. Bratislava-República Eslovaca **Anais...** Bratislava-República Eslovaca: CEISAL de Latino americanistas, 2004

CRUZ, T. C. SILVA da. **Qual é o teu trabalho, mulher?** Mulheres Empreendedoras no contexto da Economia Popular Solidária. (Tese Doutorado). 2006. Departamento de Sociologia – Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 5ª Ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

ESCOBAR, A. Degrowth, postdevelopment, and transitions: a preliminary conversation. **Sustainability Science**, n. 10, p. 451–462, 2015.

- FRANÇA FILHO, G.C; LAVILLE, J.L. **A economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GAIGER, L. I. **Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- GUPTA, J.; POUW, N. Towards a trans-disciplinary conceptualization of inclusive development. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 24, p. 96–103, 2017.
- KOROSUE, A.; GUIMARAES, V.N. Autogestão e Relações de Trabalho: transformações ou manutenção das condições precárias do trabalho no capitalismo. In: PITAGUARI, S.O et.al. (Org). **A Sustentabilidade da Economia Solidária: Contribuições multidisciplinares**. Londrina, 2012.
- LIMA, G. de. SOARES, M. L. de. Mulheres, História e Saberes: construindo economia solidária. In: Estado Desenvolvimento e Crise do Capital, 23 a 26, 2011. **Anais...** V Jornada Internacional de Políticas Públicas, PPGSS/UFPB, 2011. Disponível em: <www.joinpp.ufma.br/...>. Acesso em: 22 de Nov.2018.
- LUKÁCS, G.. **Per l'ontologia dell'essere sociale**. Traduzione di Alberto Scarponi. v. II. Roma: Riuniti, 1981.
- MARX, K. **Manuscrisos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MOTA, J.R.D. **Políticas Públicas e economia solidária: Avaliação do Projeto sementes da solidariedade**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Pública). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.
- MOW. Meaning of Work International Research Team. **The meaning of working**. London: Academic Press, 1987.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 11a ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil. 2008.
- NATIVIDADE, E. A. **Gestão de política pública de geração de renda e trabalho: Análise do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas populares**. Dissertação de Mestrado (mestrado em Administração) Universidade Federal de Lavras, Mg, 2011.
- NIEDERLE, P. et al. Narrative Disputes over Family-Farming Public Policies in Brazil : Conservative Attacks and Restricted Countermovements. **Latin American Research Review**, v. 54, n. 3, p. 707–720, 2019.
- NISHIMURA, S.R. **Grupos de Geração de Trabalho e Renda na Construção da Economia Solidária em Londrina**. 2005. 187 f. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Política Social). Universidade Estadual de Londrina, 2005.
- NOGUEIRA, M. L. M. et al . O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 set. 2025.

OLIVEIRA, J.P.de. Sociedade e Cultura. **Revista UFG**. v.11, n 02, Jul/Dez, 2008.

OSORIO-CABRERA, M. D. **Modos de Vida vivibles: Economía(s) Solidaria (s) y Sostenibilidad de la Vida**. (Tese de Doutorado). 2017. Departamento de Psicologia Social do Programa de Doctorada em Psicologia Social. Univeridad Autónoma de Barcelona. Barcelona – Espanha, 2017.

POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens de nossa época. 2. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **O Poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, N. A. dos. A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA AGRICULTURA FAMILIAR: entre a invisibilidade e a desvalorização do trabalho (re)produtivo de mulheres trabalhadoras rurais do município de Brejo/MA frente à expansão da monocultura de soja. **Revista de Políticas Públicas**, vol. Esp, pp. 331-337, 2016

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SILIPRANDI, E.; CINTRÃO, R. Mulheres rurais e políticas públicas no Brasil: abrindo espaços para o seu reconhecimento como cidadãs. In.: **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. (Org.) Catia Grisa e Sergio Schneider. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015, 624 p.

SILVA, C.; PORTELLA, A. P. Divisão Sexual do Trabalho em Áreas Rurais no Nordeste Brasileiro. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide (orgs.). **Agricultura Familiar e Gênero**: práticas, movimentos e políticas públicas. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006, p. 127-144.

SILVA, S. P. Análise da Dimensões Socioestruturais dos Empreendimentos de Economia Solidária no Brasil. Rio de Janeiro: **IPEA**, Texto para Discussão, 2017. p.7-57.

SOUSA, L.P.; GUEDES, D.R. A desigual Divisão Sexual do Trabalho: um olhar sobre a última década. **Revista Estudos Avançados**. Vol. 30 n.87, 2016. p. 123-139. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGOQCgYYfWgp/?lang=pt>

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S.da. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (Dora?). **Re. Esc. Enfem. USP**, n. 32 (2), jun. 2003.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2007

VILELA, E. C. **Significado do Trabalho e Escolha Acadêmico-Profissional**: Um Estudo com Universitários Primeiranistas. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande no Norte, Natal, 2003.

Wall, Karin. A divisão sexual do trabalho na agricultura: elementos para o seu estudo. **Análise Social**, vol. 22, n. 92/93, 1986, p. 661–668. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41010694>>.